

O corpo feminino visto pelo olhar do dito e do “não dito”

Simone Ganem Assmar Santos*

Não estou diante do meu corpo, estou no meu
corpo, mais precisamente, sou meu corpo.
(Merleau-Ponty)

Resumo: O presente estudo nasce de uma inquietação com relação às representações sociais do corpo feminino na contemporaneidade. Sugerimos, neste artigo, que tal experiência deva ser compreendida sem perder de vista o significado do dito e “do não dito” que, por sua vez, implica uma exploração teórica acerca da constituição da subjetividade humana. Interessa-nos estudar não somente a importância do reconhecimento do valor do corpo para o indivíduo, mas também as influências advindas das novas linguagens corporais e visuais, presentes na atualidade, e os efeitos produzidos no modo de ver e viver as questões de gênero sob a influência da mídia e dos vários outros poderes comunicativos.

Palavras-chave: Mulher. Corpo. Subjetividade. Sexualidade. Mídia.

Abstract: This study was born from a concern regarding social representations of the female body in contemporary times. We suggest, in this article, that such experience should be understood bearing in mind the meaning of the “said” and the “unsaid”, which implies a theoretical exploration on the constitution of human subjectivity. Our interest is to study not only the importance of recognizing the value of the body for the individual, but also the influences that come from body and visual languages in vogue, and the effects produced on the way of seeing and living the gender issues under the influence of media and various communicative powers.

Key-words: Woman. Body. Subjectivity. Sexuality. Media.

Neste artigo, trago elementos que fazem parte da minha tese de doutorado, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador/BA (UCSAL), cuja pesquisa que a origina teve início

* Doutoranda e mestre no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCS). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sobre Juventudes, Identidades, Cidadania e Cultura (NPEJI) da UCS. Médica, Ginecologista e Psicoterapeuta Junguiana. E-mail: <siganem@gmail.com>.

em março de 2011. O trabalho investigativo delineará o estudo acerca da relação entre a sexualidade, a subjetividade e o corpo feminino. O tema a ser focado deverá abranger um estudo amplo das inúmeras mudanças com relação a essa temática, priorizando, sobretudo, seus aspectos históricos, sociopolíticos, econômicos e culturais.

Assim, tomamos como exemplo, nesta comunicação, o texto de João de Pina Cabral, intitulado “Sem palavras: etnografia, hegemonias e quantificação”.¹

A escolha desse texto se deu no sentido de realizar uma aproximação com o tema escolhido para a pesquisa do referido doutoramento, qual seja: compreender a relação entre sexualidade e o corpo feminino na contemporaneidade, considerando as inúmeras transformações ocorridas ao longo da história. Essas transformações vêm produzindo novas e diversas linguagens corporais e visuais que, ao serem veiculadas pela mídia e por outros poderes comunicativos, constroem novos saberes e poderes, originando novas representações no modo de viver o feminino nos dias atuais.

Desse modo, pretende-se colocar a questão do estudo do corpo feminino no plano das discussões sobre identidades e subjetividades, nas quais o manifesto e o não manifesto, ou seja, o dito e o “não-dito”, estão sempre presentes. Esse caminho escolhido exige do pesquisador a constante atenção a esses pares de opostos, bem como a crítica aos tais poderes e saberes, tão em voga na atualidade, e que, sem dúvida, emergirão nos questionamentos a serem expostos no curso da referida pesquisa.

O texto de Cabral menciona a intenção de valorizar a importância da busca do “não-dito” em uma pesquisa etnográfica. O autor considera como “o não-dito” algumas constatações etnográficas que não estão presentes em uma comunicação discursiva entre o pesquisador e as pessoas pesquisadas. Em outras palavras “o não-dito” é tudo aquilo que não é manifesto em uma comunicação e que está subjacente à comunicação entre duas ou mais pessoas – neste caso, particularmente, entre o sujeito que realiza a pesquisa e os seus interlocutores.

No seu ensaio, Pina Cabral faz um estudo etnográfico das “mulheres cabaneiras”, isto é, aquelas que, segundo o “Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa”, são definidas como mulheres solteiras, habitantes do Alto do Minho (Portugal), que não têm modo de vida ou ocupação. Acerca dessas mulheres, o autor menciona que, mesmo vivendo no seu cotidiano de labor, as tarefas por elas executadas não eram consideradas pela comunidade rural onde viviam, por serem mulheres que não tinham casa própria e que não

¹ CABRAL, João de Pina. Sem palavras: etnografia, hegemonias e quantificação. *MANA – Estudos de Antropologia Social*, v. 14, n. 1, p. 61- 86, 2008.

conseguiram construir uma vida calcada na conjugalidade. Assim, elas eram mulheres vistas, por essa sociedade, como “não merecedoras”.

Cabral ainda complementa:

A casa era, nessa sociedade camponesa, a unidade social primária. Quem não preenchia todas essas qualidades podia bem ter vivido na freguesia desde sempre e ser descendente de habitantes que sempre aí tivessem vivido, mas não seria nunca “vizinho”, isto é, membro de pleno direito da freguesia²

Vê-se, portanto, o quanto essas “mulheres solteiras, sem casas e chamadas de ‘cabaneiras’” eram discriminadas pelo meio em que viviam. O texto em questão se debruça na compreensão de que o pesquisador deve estar sempre atento ao mundo de associações semânticas, narrativas e definições, que, mesmo não estando explícitas nas histórias das pessoas entrevistadas, estão de todas as maneiras presentes no modo com que essas pessoas dão sentido ao mundo em que vivem.

Desse modo, o autor mostra que as entrevistas são ferramentas de grande utilidade em uma pesquisa científica, entretanto, nelas não estão presentes todas as respostas. Isso porque nem sempre as pessoas entrevistadas sabem fazer todas as configurações e associações pertinentes ao contexto vivido. Por conseguinte, entende-se que as entrevistas são ferramentas importantes para serem usadas, mas podem não ser o meio mais completo para uma pesquisa, considerando a ideia da importância do “não-dito”, preconizada e advogada pelo autor nesse seu artigo.

No seu relato, Pina Cabral explicita que, à proporção que ele foi prosseguindo no seu trabalho e fazendo novas e ampliadas conexões com o contexto vivido por aquela comunidade, ele ia também descobrindo muitas outras situações nas quais muitos “não ditos” iam surgindo; por conseguinte, o autor sentiu a necessidade de quantificar alguns dados para que pudesse comprovar quais eram as “estratégias positivas e as estratégias negativas” vividas naquela comunidade, com relação ao modo de entender as “mulheres cabaneiras”. Para ele, essa quantificação não se tratava apenas de enumerar certos eventos, mas era, sobretudo, uma maneira de estabelecer correlações temporais entre contextos e ações, já que o autor constatou que no Alto Minho muitas coisas as pessoas sabiam, mas não diziam.

Em suas discussões, Cabral enfatiza que a importância dessa quantificação era não somente de atribuir sentidos aos gestos, mas também de dar sentido ao mundo que compartilhamos com outras pessoas. Com esse procedimento deixa claro que o pesquisador não deve se contentar apenas com as descrições feitas pelos outros, mas que ele deve ir além,

² CABRAL, op. cit., 2008, p. 62.

para que possa criar hipóteses sobre a natureza dos agentes sociais. Essas hipóteses devem estar pautadas nas informações das ciências sociais e sempre moduladas pelas metodologias apropriadas ao tema estudado, atentas aos estudos feitos anteriormente sobre o assunto em questão e ancoradas em leituras que dialoguem de uma forma crítica com o objeto científico pesquisado.

Cabral (2008) argumenta a favor da vinculação dos “não-ditos” com o “dito” e da importância de se compreender os constantes ajustes entre eles. Esses ajustes, entretanto, se movimentam numa dinâmica entre agentes que se “relacionam sempre em um campo marcado historicamente pela dominação, pelo poder”³.

O autor, quando faz a abordagem dos “não-ditos”, coloca em consideração dois tipos de questões a serem discutidas, são elas: 1ª – de que modo o pesquisador deve formular a existência de fenômenos silenciados da cultura, isso porque sem silêncio, segundo ele, não há categorias e; 2ª – a importância de o pesquisador compreender (ainda na área dos “não-ditos”) que os interesses de uns podem limitar os interesses de outros e com isso comprometer o resultado da pesquisa.

Assim, entendendo que o processo de construção de identidade é estruturado nas relações sociais, nas quais o dito e o não-dito estão sempre em pauta, relevante se faz estudar as diversas representações daí advindas, sobretudo nas sociedades que priorizam a ideologia do capital.

Considerando que o ser humano se articula com várias instâncias sociais – inclusive a família, muitas vezes como lugar de imposição –, questiona-se, dentre outros pontos, nessa comunicação, se essa busca, por vezes obsessiva, do corpo ideal, pode ser compreendida como um processo de autodeterminação, reconhecimento e libertação da mulher, ou se ela se insere num processo de opressão imposta pelo padrão estético corporal ora vigente.

Percebe-se que esse padrão vem reduzindo o corpo feminino a um ideal de beleza, de certa forma uniformizado e regrado, no qual o “ser belo” se restringe a uma silhueta magra, esguia, muitas vezes esculpida nas salas cirúrgicas ou nas academias de ginásticas. Vive-se um tempo no qual o excesso de obediência às regras possibilita originar sentimentos de fracasso – quando estas não contempladas – e pode comprometer não somente o corpo físico, mas também a psique do ser feminino.

³ CABRAL, op. cit., 2008, p. 77.

Tais regras e normas estão inclusas na sociedade do espetáculo a qual vem marcando a contemporaneidade, já que nesse âmbito se têm priorizado o fugaz, o efêmero e o descartável.

Desse modo, interessa entender como o corpo feminino vem sendo construído culturalmente na atualidade, sob a influência da mídia e de outros poderes comunicativos.

Nesse particular, é importante investigar como se comporta a mulher contemporânea, pois, se por um lado se tornou cúmplice dessa sociedade do espetáculo, “coisificando” o seu corpo, por outro, caminha no sentido de criar a sua própria imagem corporal, reagindo e questionando com essa imagem regida pela padronização dos discursos e dos poderes sociais.

No que concerne à sexualidade e à subjetividade do corpo feminino, sabe-se que as mudanças ocorridas ao longo do tempo vieram acompanhadas de transformações políticas, socioculturais, históricas e econômicas. Se no período patriarcal a atividade feminina ficava restrita à reprodução e aos cuidados com a prole – por consequência, regulada e submetida ao poder masculino –, na contemporaneidade a mulher assume novas funções, não mais limitadas às de reprodutora e cuidadora. Aliadas a tais responsabilidades, emergem outras novas funções para essa “nova” mulher, agora relacionadas à sua inserção no mercado de trabalho, com a conquista de espaços com maior visibilidade na sociedade.

Essas novas funções, entretanto, muitas vezes, passaram a ser subordinadas a uma ideologia midiática do consumo, exploradas de forma mais intensa pelos interesses do sistema capitalista, que imprimiu às mulheres novos valores e novos padrões de conduta, transformando seu corpo em um objeto manipulável e de consumo. Vê-se que a exaltação da beleza do “belo sexo”, que há séculos vem sendo cantada em versos e prosas, pelos poetas e artistas, passa também por outro viés. Explica-se essa afirmação na constatação de que a relação entre consumo, publicidade e corpo feminino sempre foram estreitas e polêmicas.

Vive-se um tempo no qual a sociedade do espetáculo – legitimada pela imprensa e/ou a mídia, pela indústria do cinema, da televisão, da moda, dos cosméticos, das cirurgias estéticas, das academias que cuidam dos corpos etc. –, assume agora a tarefa dessa exaltação, denotando um impulso no consumo e, conseqüentemente, no modo da mulher viver a sua própria experiência corporal. O corpo, assim vivido, passa a desempenhar um papel de importância ímpar nas representações sociais do feminino, no seu modo de agir e de pensar.

Nessa mesma linha de raciocínio, Lipovetsky, ao se referir à febre da beleza e ao mercado do corpo, menciona a forte ligação entre o mito da beleza com relação ao feminino, atrelando esse mito à lógica moderna da informação e do comparativo.

Para o autor, a determinação democrática das escolhas feitas pelo feminino não se relaciona apenas à produção e ao consumo dos produtos de beleza; elas estão entrelaçadas a um novo código ou sistema de comunicação que tem na imprensa feminina a cúmplice ideal para a promoção e aprovação dessas normas estéticas, tão visíveis nos dias atuais. O autor segue afirmando que:

A obsessão da magreza, a multiplicação dos regimes e das atividades de modelagem do corpo, os pedidos de redução dos culotes e de modelagem até dos narizinhos arrebitados testemunham o poder normalizador dos modelos, um desejo maior de conformidade estética que se choca frontalmente com o ideal individualista e sua exigência de personalização dos sujeitos.⁴

Entretanto, enfatiza a necessidade de se tomar cuidado para não assimilar o individualismo à recusa dos modelos sociais, já que a cultura do indivíduo é que vai nortear e substituir as regras “heterônomas da religião e da tradição pelas regras autônomas do mundo humano-social”.⁵

Repousa aqui um paradoxo, pois, enquanto o desenvolvimento do individualismo feminino caminha a passos largos no mundo atual, as pressões sociais relativas às normas do corpo seguem o mesmo caminho. Se de um lado o corpo feminino se emancipou, rompendo as amarras da escravidão sexual, procriadoras e patriarcais, do outro lado ele se vê enredado nas prescrições estéticas, reguladas e normatizadas, ocasionando angústias e sofrimentos no modo de viver o feminino, na atualidade.

Aqui, torna-se pertinente parafrasear Le Breton, quando o autor diz que: “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída.”⁶

É notório que a discussão entre natureza e cultura está inclusa no bojo dessa questão, na qual os ditos e os “não-ditos” circulam a todo momento. Existe, de fato, um projeto que constrói e adentra o corpo, recriando-o de acordo com as regras que regem o mercado. Assim, a cultura pode moldar e socializar o corpo com base em suas normas e regras. Estas, muitas vezes baseadas no consumo desenfreado, comumente recusam o corpo que se afasta e que se diferencia dos modelos por elas propostos. Com esse entendimento, Parisoli faz a seguinte ilustração: “se uma mulher é obesa, a culpa é dela, e só caberá a ela remediar seu “desvio físico”, pois, como diz a publicidade, “ela é o que ela come.”⁷

Desse modo, esses corpos fora da ordem midiática são denominados por Butler de “corpos abjetos”. São eles “os corpos mutilados, andrajosos e velados” que, para a autora,

⁴ LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 143.

⁵ LIPOVETSKY, op. cit., 2000, p. 143.

⁶ LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 7.

⁷ MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. *Pensar o corpo*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 40.

nem sempre gozam de uma determinada situação ontológica. Entretanto, Butler vai mais além quando explicita que:

A crítica feminina também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação.⁸

Nesse particular, a violência, nas suas mais diversas formas – a exemplo da violência física, psicológica e institucional –, vem fazendo parte desse contexto. Por conseguinte, pertinente se faz mencionar Cavalcanti⁹, quando a autora afirma que a violência contra a mulher é um tema o qual deve ser considerado como fator determinante para impor outro ritmo a todos esses avanços conquistados pelos movimentos feministas no nosso país.

A autora segue afirmando que a exploração exacerbada do corpo feminino, seja pelo tráfico, seja pela indústria do sexo, seja ainda pela imprensa, não permite mais o nosso silêncio.

Ao estabelecer esse tipo de relação entre beleza, emancipação feminina e violência, Cavalcanti traz à tona a importância da atenção às questões sociais inibidoras de equidade entre os gêneros, nas quais “os não-ditos” também estão presentes. Continuando a explicar o porquê da relação do texto de Cabral com o tema escolhido para a pesquisa mencionada, vê-se que os questionamentos aqui elencados são polêmicos e transitam por uma abordagem que requer uma compreensão profunda daquilo que não foi dito ou que foi silenciado pelo próprio sujeito do feminino. Assim, o processo do culto ao corpo, tão comum nos dias atuais, vem suscitando inúmeras discussões com relação aos novos saberes e às novas linguagens referentes ao objeto corpo na contemporaneidade.

Sobre esse ponto, Sant’Anna faz a seguinte abordagem:

As descobertas do corpo possuem uma história secular e vasta, pontuada pelos avanços e limites do conhecimento humano. Pois se o corpo não cessa de ser descoberto, é preciso não perder de vista a provisoriade de cada conhecimento produzido a seu respeito: constantemente redescoberto, nunca, porém, completamente revelado. [...]. Da medicina dos humores à biotecnologia contemporânea, passando pela invenção de regimes, cirurgias, cosméticos e técnicas disciplinares, o conhecimento do corpo é por excelência histórico, relacionados aos receios e sonhos de cada época, cultura e grupo social.¹⁰

⁸ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 19.

⁹ CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. A contramare da exclusão, pobreza e trabalho: visibilidade da condição feminina no Brasil. In: PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs.). *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 85-86.

¹⁰ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, v. 14, 2000, p. 237.

É, portanto, desse cenário, produzido em uma sociedade que prioriza o culto ao corpo, muitas vezes em detrimento de valores mais importantes, que partem as reflexões as quais suscitaram o interesse pelo tema a ser aqui pesquisado.

Ao mencionar, no início deste artigo, que as mudanças ocorridas ao longo do tempo imprimiram novos significados ao corpo da mulher, compreende-se que a percepção corporal também está inclusa na história. Assim, continua sendo tema de inúmeros trabalhos dentro das mais variadas áreas de orientação e conhecimento – por exemplo, a sociologia, a antropologia, a filosofia, a história, as artes de um modo geral, entre outras.

Por conseguinte, como médica, senti a necessidade de abordar esse assunto, unindo o concretismo dos saberes biomédicos àquela parcela mais subjetiva do indivíduo, porquanto há ainda – mesmo com todos os avanços científicos e tecnológicos de que a ciência dispõe na atualidade –, um fosso enorme a ser enfrentado entre ciências e humanidades, já que os “não-ditos” vêm sendo, muitas vezes, negligenciados pelas ciências. Silenciados, eles vêm se tornando fontes de frequentes patologias, haja vista o alto índice de mulheres anoréxicas, bulímicas, obesas e portadoras dos inúmeros e diversificados distúrbios alimentares e tireoidianos, presentes nos dias atuais.

Percebe-se que, muitas vezes, as causas desses distúrbios são de difíceis explicações para os saberes biomédicos. Cabe aqui, principalmente, uma referência à medicina. Isso porque, ao recair nas subjetividades, nem sempre os “não-ditos” (quer por falta de tempo no labor do dia a dia, quer por desinteresse), vêm merecendo a atenção dos profissionais responsáveis pelo atendimento a essas mulheres. Entende-se que repousa nessa afirmação uma das grandes limitações da medicina, já que as escolas médicas não costumam preparar os seus profissionais para o exercício da escuta ou mesmo para uma reflexão mais profunda com relação às dores da alma, tão comuns à condição humana.

Nesse particular, Cabral menciona no seu texto que “sem silêncios não há fronteiras: não há categorias. São os silêncios que permitem a consolidação das grandes categorias de ação social”.¹¹ O autor amplia tal reflexão, quando explicita que existe um poder simbólico inscrito nessas opções, que é condição para a constituição do relacionamento social, e esse poder se relaciona com o funcionamento das hegemonias.

Justifica-se, aqui, mais uma vez, a apropriação do texto de Pina Cabral (2008) neste artigo, no sentido de evitar esse silenciamento, pois é importante transitar entre o dito e “os

¹¹ CABRAL, João de Pina. Sem palavras: etnografia, hegemonia e quantificação. *MANA – Estudos de Antropologia Social*, 2008, p. 77.

não-ditos”, na perspectiva de se entender a análise das relações entre o corpo feminino, identidade e sociedade nos dias atuais.

Desse modo, partindo do olhar de uma ginecologista e psicoterapeuta que, nas últimas três décadas, vem lidando com o corpo feminino e as suas idiossincrasias, as discussões do presente artigo se desdobram no sentido de questionar quais os conhecimentos críticos que a pesquisadora pode aferir dessa sua experiência profissional, realizando, sobretudo, o exercício de aproximação entre ciência e humanidade.

Por conseguinte, no exercício da profissão e tendo a oportunidade de trabalhar com mulheres de várias gerações, raças e credos, em diferentes contextos, e de ouvir os seus desejos, as suas dores e temores com relação à imagem corporal, fica evidente como o corpo humano exerce um papel de importância fundamental na vida do indivíduo. Esse corpo, espetacularizado ou não, carrega com ele significados e representações repletas de símbolos, os quais são tradutores dos hábitos, costumes e reflexos dos sentimentos por eles expressados. Logo, as argumentações aqui expostas passam primordialmente pela questão da identidade feminina, pela subordinação e pelas transformações nas quais a imagem corporal do feminino se enreda, colocando, conseqüentemente, o debate ético e moral em destaque no contexto deste artigo.

Considerando a moral estética ora vigente, que vem enaltecendo o corpo da mulher, tanto pela beleza das imagens, das fotografias, das poesias e das músicas dos grandes poetas quanto pela exposição de certas publicações – por vezes apelativas e pornográficas, que seguem expondo sem pudor as intimidades desse corpo –, pertinente se faz parafrasear mais uma vez Sant’Anna quando a autora apresenta esta explanação:

Transgredir as fronteiras do possível era, para diversos campos da criação humana, confrontar-se com espaços do corpo ancestralmente repudiados pela cultura; ou seja, tratava-se de se colocar face a face com aquilo que Antonin Artaud já havia anunciado em sua complexa obra: o orgânico e, mais ainda, a inegável repulsão diante do que é considerado “imundícies do corpo e da sociedade” [...]. Atração e repulsão pareciam andar de mãos dadas em diversas criações que afirmavam a antiga descoberta de que o corpo é um médium fundamental.¹²

Vê-se que os trabalhos sobre o corpo tomam cada vez mais impulso. E, se de um lado essa pesquisa se debruçará em investigar como se comporta o objeto corpo na vida privada da mulher e o papel da família na construção da identidade feminina, por outro lado se interessará também em estudar como esse corpo tem sido motivo de especulação na vida pública desses seres. É notório que nos dias atuais, eles (os corpos femininos) se movimentam

¹² SANT’ANNA, op. cit., 2000, p. 240.

entre os consultórios médicos e as instâncias publicitárias, englobando, dessa forma, áreas tão distintas, desde a medicina intervencionista e estética até a publicidade, a higiene, o mercado dos fármacos, as artes e outras tantas mais. É desse modo que se estabelece o trânsito entre “a casa e a rua”, tão bem descrito por DaMatta.

Quando digo que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de esperar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.¹³

Por conta disso, torna-se necessária uma análise mais aprofundada do discurso sociocultural contemporâneo, quando se pretende avaliar como o corpo feminino tornou-se um tema dos mais estudados, mas ao mesmo tempo uma realidade tão sombria, tão contraditória. Segundo Courtine, “a questão é de natureza epistemológica e diz respeito aos fundamentos do próprio projeto: como é que o corpo se tornou, em nossos dias, um objeto de investigação histórica”?¹⁴

A hipótese aqui formulada é a de que, mesmo com a evolução da mulher – principalmente nos anos de 1960, com o advento dos métodos contraceptivos e a ação dos movimentos feministas inserindo-a definitivamente no mercado de trabalho –, a construção das subjetividades em relação ao seu corpo ainda incorre na dependência da subordinação a qual esse objeto está atualmente exposto.

Vive-se, na modernidade, um tempo de conflitos. Se por um lado muitas dessas mulheres consentem em expor os seus corpos, muitas vezes, de um modo predatório, seja pelo desejo de reconhecimento, seja para se sentirem incluídas nesse atual mundo do espetáculo, por outro lado outras tantas vêm reagindo a esses discursos midiáticos, a essa “coisificação” corporal e, no uso da via política, lutam por um diferente tipo de reconhecimento, de forma a libertá-las das amarras patriarcais e sociais. Desse modo, na relação da mulher com o seu corpo também estão presentes dinâmicas ambivalentes. Estas se aproximam e se opõem, movimentando-se entre a evolução e a subordinação. Por conseguinte, a identidade assimilada e interiorizada pelas mulheres está relacionada ao conceito entendido por uma sociedade – particularmente, neste trabalho, faz-se alusão às sociedades contemporâneas ocidentais – do que seja ser mulher na contemporaneidade e as situações aí envolvidas. Essas situações,

¹³ DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, São Paulo, 1985, p. 12.

¹⁴ COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Vol. 3: As mutações do olhar: O Século XX. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 7.

muitas vezes, recaem em estereótipos que vêm produzindo e reproduzindo ideias e valores daquilo que, como já foi aqui anteriormente mencionado, significa viver o feminino no mundo atual.

Ao se inserir no mercado de trabalho, a mulher colocou em destaque a sua própria imagem, criando um ideal corporal a ser perseguido. É provável que, com esse posicionamento, tenha exacerbado a busca pelo corpo perfeito e daí surgido a insatisfação entre seu corpo e a questão da beleza. Por conta disso, o que deveria ser saudável passou a ser uma atitude obsessiva e, muitas vezes, até mesmo fora de controle. É relevante, pois, investigar como a percepção da mulher, em relação a todas essas mudanças que interferiram no seu modo de ser no mundo, produziu um discurso que possibilita discorrer sobre identidade sexual e gênero.

Portanto, ao abordar o corpo feminino não se pode negligenciar o estudo sobre a questão de gênero a qual segue acompanhando as inúmeras mudanças sociais, culturais e históricas, com relação a essa vivência, instituindo um comportamento que se movimenta mais uma vez entre a evolução e a subordinação. Entendendo o feminino como uma construção social é importante distinguir os conceitos de sexo e de gênero. Ao usar esses dois vocábulos, como conceitos distintos, afere-se que a questão do masculino e do feminino deva ser vista numa perspectiva sociológica, pela qual o sexo refere-se à identidade biológica, ou seja, o sexo é masculino ou feminino, enquanto que o gênero é entendido como uma significativa categoria da realidade social. Portanto, o conceito de gênero, aqui entendido, se reporta ao modo de comportamento do masculino e do feminino, independentemente do sexo biológico.

Castro esclarece ainda:

Com o conceito de gênero desnaturaliza-se, para alguns autores, a categoria sexo, defendendo-se que relações de gênero são relações sociais, plasmadas na cultura, por assimetria de poder, sustentadas por símbolos, por um mundo sensível, e por razões, por um mundo inteligível, racional.¹⁵

Entendendo a categoria gênero como uma forma de violência simbólica, as análises presentes neste artigo transitam em torno das diferentes ideias e concepções que envolvem essas mudanças, levando em consideração as dificuldades e as consequências próprias a todo esse processo de transformação sociocultural.

Contemplando o universo corporal feminino, objeto eleito para a concepção deste artigo, e respeitando as diferenças individuais, pode-se inferir que tais escolhas ou opções, em

¹⁵ CASTRO, Mary Garcia. O conceito de gênero e as análises sobre mulher e trabalho: notas sobre impasses teóricos. *Cad. CRA*, Salvador, v. 17, 1992, p. 96.

diferentes campos da vida prática da mulher – a saúde corporal e mental, a educação, a profissão, as relações afetivas, religiosas e financeiras –, são temas complexos de serem entendidos. Esses temas variam de acordo com as crenças, a personalidade e cultura do sujeito, daí o seu estudo se traduzir num verdadeiro desafio para o pesquisador que se aventurar nessa jornada.

Com relação à busca obsessiva do corpo idealizado, fala-se de uma ideia ligada ao feminino, na qual estão presentes estereótipos de gênero relativos às mulheres. Este trabalho, portanto, se interessa em estudar os vários conteúdos estereotipados relativos ao ser feminino, para que seja possível adentrar nas representações sociais desse feminino com relação à cultura corporal, vigente nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Levando em consideração essas ideias e enfatizando o objeto do estudo, nota-se como, nos dias atuais, certas peças publicitárias atuam como verdadeiros fetiches. Nesse fato, também repousa uma contradição, já que essa mulher da atualidade – que rechaça as normas rígidas e castradoras impostas pela era patriarcal – é também uma mulher que passou a se preocupar mais com o desempenho do seu corpo. Tais preocupações, ao se exacerbarem, subestimaram, muitas vezes, a sua capacidade de ser sujeito-indivíduo, transformando-a em um mero objeto de desejo, ou ainda, no sujeito que se sujeita. A sociedade passa a conviver, portanto, com um novo fenômeno: a banalização da liberdade arduamente conquistada pela mulher.

No que diz respeito a essas transformações Michaud acrescenta:

O resultado dessas evoluções é que o corpo fim de século é de agora em diante ao mesmo tempo, sujeito e objeto do ato artístico [...]. Para descrever a situação contemporânea, deve-se precisamente substituir “sexo” por “corpo”. [...] O corpo se tornou mais importante que a nossa alma – tornou-se mais importante que nossa vida.¹⁶

Ainda justificando a escolha do texto de Pina Cabral, na tentativa de enfatizar a importância da atenção aos “não-ditos”, e levando em consideração a necessidade de aproximar as ciências das humanidades, algumas questões podem ser aqui elencadas, no sentido de dar um norte ao presente texto. São elas: 1 - em que medida a medicina pode lidar com “os não-ditos” e entender a existência dos vários fenômenos culturais silenciados ou negligenciados, quando se refere ao modo de a mulher lidar com o seu corpo nos dias atuais? 2 - É possível as ciências (em particular, neste trabalho, a medicina) caminharem no sentido de fazer a vinculação dos ditos com os “não-ditos”, ajudando na formação de uma identidade

¹⁶ MICHAUD, Yves. Visualizações. O corpo e as artes visuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Vol. 3: As mutações do olhar: O Século XX. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 562-565.

feminina que se afaste da subordinação e da dominação, impostas pelos ditames midiáticos da atualidade? 3 - Como trabalhar na perspectiva de se evitar que a liberação dos legítimos desejos corporais desses seres escorregue para a pornografia ou para a patologia, já que a valorização exacerbada da sexualidade vem trazendo uma expansão exagerada da beleza estética que, muitas vezes, acaba afetando a saúde física, emocional e as relações humanas e sociais dessas mulheres?

Esses são questionamentos que a pesquisa, para a concepção desse doutoramento, pretende responder no seu percurso investigativo. A investigação aqui proposta procurará, portanto, identificar a dimensão conflitiva implicada no seu próprio objeto, a saber: a relação da mulher contemporânea com o seu corpo, com a sua sexualidade e suas subjetividades, bem como os efeitos produzidos no modo de ver e viver as questões de gênero sob a influência dos veículos de comunicação.

Ao enveredar pela temática proposta, tomou-se por base o princípio de que o ser humano é resultante de implicações diversas: a herança genética, as suas experiências individuais, as tradições adquiridas dos seus antepassados, do inconsciente coletivo herdado das experiências da humanidade, além dos fatores sociais, econômicos e culturais. Daí tornar-se impossível pensar na existência de uma única técnica padrão para lidar com todas essas questões. Como são muitos os rastros abertos em relação a esse objeto de estudo, resta, portanto, seguir algumas pistas que mostrem, de certo modo, o caminho a ser trilhado. Nessa perspectiva, a primeira lição a seguir é, sem dúvida, o cuidado que o pesquisador deve ter em não fazer qualquer pacto com as visões preconcebidas, evitando as trilhas que possam levar a caminhos excludentes e discriminatórios. A premissa aqui advogada é, portanto, a de compreender a realidade e orientar, de alguma forma, a ação, sem fazer uso de julgamentos. A segunda lição é igualmente relevante à primeira, dada a importância em perceber o modo como se constroem as relações. Como fundamentação a essa ideia, vale a pena ressaltar a perspectiva de Bourdieu, o qual compreende que nenhum objeto social, ou mesmo nenhum fato social, pode ser explicado fora do ciclo das relações. Ao falar sobre a ruptura com os comportamentos enraizados, o autor afirma que “a invenção nunca se reduz a uma simples leitura do real”, ou seja, “o novo pressupõe sempre a ruptura com o que está estabelecido *a priori* e com as configurações que ele propõe à percepção.”¹⁷ Para ele, é preciso estar atento a essa ruptura, já que ela deve sempre caminhar atrelada à vigilância epistemológica, e para que

¹⁷ BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. *Ofício de sociólogo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25.

essa tarefa se realize é necessário descobrir, no processo da atividade científica, condições pelas quais seja possível separar o verdadeiro do falso.

Considerando a dimensão desse tema, torna-se importante esclarecer que não se pretende, nessa comunicação, reduzir o indivíduo – no caso aqui estudado, a mulher – como um produto do meio, pois se acredita que, ao transformar o meio, o sujeito também se transforma, porquanto atua como produto e agente da sociedade em que vive. Assim, parece importante enfatizar que os resultados das ações dos sujeitos sociais dependem dos inúmeros ajustes e da dinâmica entre os ditos e “os não-ditos”, já que nenhuma escolha e/ou nenhum comportamento do indivíduo são completamente auto - regulados e transitam, quase sempre, em um campo historicamente calcado na dominação e no poder. Com essas ideias, aqui expostas, percebe-se o quão importante é refletir sobre as relações que o ser feminino mantém com seu corpo, levando em conta os meios utilizados para o alcance desse “corpo ideal”.

Nota-se que, nessa busca, muitas vezes, a mulher vem se submetendo aos inúmeros processos de opressão social, nos quais a imagem cultural do corpo feminino vem sendo construída sob a égide dos estereótipos, originando comportamentos que se afastam da autonomia e da liberdade. Esse modelo do corpo padronizado, no qual a magreza e a esbelteza estão presentes na ordem do dia, traduz-se em sérias consequências, haja vista que a utilização de práticas invasivas, por vezes exageradas e desnecessárias, vem possibilitando a insatisfação no modo de viver o feminino. Essa insatisfação, nos casos mais severos, pode originar patologias, a exemplos das bulimias, das anorexias e de tantos outros distúrbios dismórficos, que recaem no plano corporal e comprometem não somente o corpo físico, mas toda a psique do indivíduo. Desse modo, pertinente se faz finalizar este artigo citando Spinoza, na abordagem que ele faz sobre o corpo humano na *preposição 16*:

A ideia de cada uma das maneiras pelas qual o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior.¹⁸

O autor explica que são dois os corolários que seguem a essa preposição, a saber: o primeiro afirma que a mente humana, ao perceber a natureza do seu corpo, percebe também a natureza de muitos outros corpos; e o segundo explicita que as ideias que temos dos corpos exteriores são as que mostram mais o estado do nosso corpo, do que a natureza dos corpos exteriores.

Como se pode refletir, uma afirmativa, de fato, apropriada. Isso porque normalmente o sentimento do indivíduo diante de algum aspecto físico expresso em seu corpo e

¹⁸ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 67.

considerado pela sociedade em que vive como uma desabilidade física é o da comparação aos outros corpos, que essa mesma sociedade, em geral, interpreta como hígidos, sadios, ou mesmo “sarados”, como se propaga na linguagem atual. Por conseguinte, as reações mais frequentes diante dessas tais “deficiências” e/ou “desabilidades” se traduzem em comportamentos que inferiorizam o sujeito e, conseqüentemente, afetam o seu modo de interação social. Percebe-se, diante dessas ideias, como são diversas as nuances com relação ao corpo humano e às suas expressões. Por conta disso é que o modo de conceituá-lo ao longo das diversas décadas, principalmente no mundo ocidental, tem sofrido transformações de acordo com os valores vigentes, de modo que surgem a cada momento “os novos corpos e suas diferentes configurações”.

Por fim, ancorando-se nessas ideias é que este artigo propõe uma reflexão ética no modo de pensar as inúmeras transformações ocorridas ao longo da história com relação ao corpo feminino.

As averiguações aqui intermediadas visam, sobretudo, investigar aquilo que nem sempre é dito ou explícito quando se aborda o estudo do corpo feminino e as suas representações sociais no mundo atual.

Referências

- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. *Ofício de sociólogo*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUKJE, Prins; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CABRAL, João de Pina. Sem palavras: etnografia, hegemonias e quantificação. *MANA – Estudos de Antropologia Social*, v. 14, n. 1, p. 61- 86, 2008.
- CASTRO, Mary Garcia. O conceito de gênero e as análises sobre mulher e trabalho: notas sobre impasses teóricos. *Cad. CRA*, Salvador, v. 17, p. 80-105, 1992.
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. A contramaré da exclusão, pobreza e trabalho – visibilidade da condição feminina no Brasil. In: PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs.). *Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Vol. 3: As mutações do olhar: O Século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LYPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela. *Pensar o corpo*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.

MICHAUD, Yves. Visualizações. O corpo e as artes visuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Vol. 3: As mutações do olhar: O Século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, v. 14, p. 235-249, 2000.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Recebido em março de 2011; aprovado em junho de 2011.